

Entrega do Prémio de História Contemporânea – 1997 Hélio Osvaldo Alves

Afirmava John Milton na sua obra em defesa da liberdade de imprensa *Areopagitica*, publicada em 1644, que o benefício mais precioso que lhe podia ser outorgado, e que ele próprio colocava acima de todas as liberdades, era não só o de, livremente, ter acesso às fontes do conhecimento, como também o de falar e argumentar em total acordo com a sua consciência.

A defesa da liberdade de consciência tem-se tornado, através dos tempos, uma bandeira que não se esfarrapa com o vento, e a força do seu apelo tem elevado até ao panteão dos sentimentos mais nobres da Humanidade os nomes daqueles para quem a liberdade íntima e inalienável do indivíduo é fonte de renovação permanente daquilo que a vida tem de mais sagrado. 'Tudo o que vive é sagrado', proclamava o poeta William Blake há pouco mais de duzentos anos, fazendo desta exaltação da vida um dos painéis mais belos da sua intervenção poética.

Ora, um dos retratos possíveis desta exaltação da vida, para além daquele que é esboçado pela Poesia, pode ser delineado também pela História embora, segundo Hegel, as pessoas e os governos nunca tenham querido

aprender nada com ela, nem aplicar os princípios que, na ideia do filósofo, dela se poderiam deduzir. Esta opinião, a ser verdadeira, poderia então dar razão a quem pense que a História da Humanidade se está a tornar, cada vez mais, numa corrida entre a educação e a catástrofe, corrida esta lançada, escorregadiamente, por cima do fio da navalha do nosso desespero.

Longe vão os tempos, em mais do que espaço temporal, ou assim parece, em que o enciclopedista francês Turgot introduziu no léxico a palavra *perfectibilité*, na qual tantos tanta esperança depositaram. Do seu êxito efêmero ou do seu incómodo fracasso nos poderá falar, então, o historiador cujo saber e cuja sensibilidade permitam concretizar um equilíbrio de análise que não é facilmente atingível. Daí que se possa afirmar, com alguma margem de segurança, que qualquer um pode fazer história – e abundam por aí os inumeráveis exemplos desses 'quaisquer uns' – mas que somente um grande homem a pode escrever.

Se assim for, esta sessão só pode, então, ser dedicada a um homem. A um homem de ciência cujo raro saber e rara sensibilidade nos vêm proporcionando, a nós que estamos aqui e sabemos, e aos que não estão aqui e deviam



saber, a possibilidade de auferirmos de momentos únicos que são fruto do equilíbrio de um pensamento que lançou as fundações seguras deste Prémio de História Contemporânea. Esse homem é o Professor Doutor Vítor de Sá.

Depois desta dedicatória, só me resta agradecer àquelas entidades que, desde a primeira hora, nos deram, ou prometeram dar, o seu apoio visível a esta lição de autêntica pedagogia — ao Governo Civil de Braga, às Câmaras Municipais de Guimarães e de Famalicão, à Fundação Eng^o António de Almeida e à Fundação Cupertino de Miranda. Deste seu apoio não são só os números que contam pois que, muito mais do que isso, conta o calor das presenças em sessões como esta.

Ainda há, pois, esperança na palavra que Turgot nos deixou.